

A ÁFRICA NA VISÃO DE CASTRO ALVES

Raquel Naveira

Passeio os olhos pelo mapa-múndi e fixo-me na África. Enorme continente. Aqui ao norte está o mar Mediterrâneo, separando-o da Europa; o estreito de Gibraltar e o Marrocos (lembrei-me do filme *Casablanca*); o canal de Suez na ponta do Mar Vermelho, aquele que se abriu para o povo hebreu; o oceano Índico banhando Moçambique, Tanganica e a Etiópia; o oceano Atlântico fazendo o contorno pela Mauritânia; Congo, Angola e África do Sul; o deserto do Saara pintado de bege areia; a Líbia onde aportou o herói Eneias em seu encontro com a trágica rainha Dido; o rio Nilo com seu delta descendo do Egito, passando pelo Sudão.

Atravesso mentalmente florestas de árvores altíssimas, baobás e embondeiros. O perfume das acácias espalhado pelos ares. Elefantes,



hipopótamos, rinocerontes e búfalos pelas savanas. Camelos penetrando no deserto com as bocas cheias de cactos. Girafas, zebras, gorilas, leões, leopardos, bandos de antílopes e hienas, serpentes venenosas.

Imagino tribos nativas, onde ainda hoje existem o regime de escravatura, as mutilações, a poligamia, a idolatria. Grupos com roupas de cores vivas, com desenhos complexos e coloridos. Selvagens com peças feitas de folhas secas de palmeiras e colares de ossos, marfins e conchas do mar.

África dos fuscos, dos cartagineses, dos fenícios, dos árabes, dos gregos e dos romanos. África partilhada em colônias e protetorados entre as grandes potências europeias como Bélgica, Espanha, França, Inglaterra, Itália e Portugal. Quão recente é a independência. As guerras civis. As faxinas étnicas. Os campos de refugiados. África complexa, misteriosa, mergulhada em sangue, carvão e diamante.

Pego o globo entre os dedos: foi daqui que saíram os primeiros negros escravos. A coroa portuguesa reservou para si a venda dos africanos. A descoberta da América incrementou ainda mais o tráfico, pois o novo continente abriu um campo vastíssimo para o braço escravo. No Brasil, o tráfico teve início em 1526, desenvolvendo-se graças à necessidade de mão-de-obra para a lavoura da cana-de-açúcar.

Com a exploração das minas de ouro, aumentou a procura de escravos africanos, sendo o país abastecido, sobretudo, através do verdadeiro entreposto humano instalado pelos holandeses na costa da Mina. Calcula-se que até 1850, tenham sido transportados da África doze milhões de escravos, dos quais um quarto para o Brasil. Grande foi o número de africanos mortos durante o transporte ou em consequência dos massacres a que eram submetidas populações inteiras. O transporte era feito em condições terríveis, sofrendo os escravos fome e sede nos chamados navios negreiros. No entanto, com as novas condições econômicas no mundo, declinava o regime de escravidão. Crescia o movimento abolicionista. Portugal decretou em 1836, após forte pressão inglesa, a extinção do tráfico negreiro. O movimento abolicionista sustentou uma luta prolongada contra o regime da escravidão. Em 13 de maio de 1888, a Princesa Isabel promulgou a Lei Áurea, que extinguiu a escravidão em todo o território brasileiro.

O poeta Antônio Frederico Castro Alves foi conhecido como o poeta dos escravos. Nasceu em 1847 na Fazenda Cabaceiras (Bahia) e faleceu em Salvador, em 1871, de tuberculose. O aclamado orador foi corajoso defensor dos princípios de liberdade e de justiça social. Lutou com versos inflamados pelos escravos, revelando a miséria física e moral em que eram obrigados a viver. Seus versos continuam atuais, pois desfraldam a bandeira da liberdade.

No retiro da Rua do Lima, zona quase campestre de Recife, Castro Alves escreveu as poesias que formariam o livro *Os Escravos*. Surgiram poemas vibrantes em que descrevia a miséria do cativo e clamava pela abolição e pela vingança:

Cai, orvalho, de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

São os escravos que falam nestas estrofes de “Bandido Negro”:

Somos, nós, meu senhor, mas não tremas,
Nós quebramos as nossas algemas
P’ra pedir-te as esposas ou mães.
Este é o filho do ancião que mataste.
Este - irmão da mulher que manchaste...
Oh! Não tremas, senhor, são teus cães.

A 11 de agosto de 1865, aconteceu a abertura solene das aulas anuais. A sociedade pernambucana estava reunida no salão nobre da academia para ouvir

os discursos das autoridades, quando ouviram a oratória inflamada de Castro Alves. Estrofe após estrofe, o corajoso poeta mostra as disparidades sociais e injustiças. As imagens são cada vez mais arrojadas, cresce a violência:

Trema o vale, o rochedo escarpado,
Trema o céu de trovões carregado,
Ao passar da rajada de heróis,
Que nas éguas fatais desgrenhadas
Vão brandindo essas brancas espadas,
Que se amolam nas campas de avós.

Apesar de seus problemas amorosos, pois marchava para o fim o seu romance conturbado, cheio de paixão e ciúmes, com a atriz portuguesa Eugênia Câmara, o poeta não abandonava a luta. A 11 de junho lançava o grito:

Deus! Ó Deus! Onde estás que não respondes?
Em que mundo, em que estrela tu t'escondes?

Eram as *Vozes d'África*, que lamentavam, gemiam e bradavam a dor do cativo. E continuava a declamar seus protestos nos comícios republicanos. Nas reuniões sempre se ouviam as vozes de três líderes: Joaquim Nabuco, Rui Barbosa e Castro Alves.

No dia 7 de setembro de 1868, o poeta tinha uma poesia especial para a data. Estavam reunidas nas primeiras filas do Ginásio Literário as senhoras com suas filhas e os poderosos companheiros. Diante deles, cabeleira negra, flor na lapela, Castro Alves declamou *O Navio Negreiro*:

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança,
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas,
Como um íris no pélago profundo!
Mas é infâmia demais!... Da etérea plaga

Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
Andrada! Arranca esse pendão dos ares!
Colombo! Fecha a porta dos teus mares!

Aplausos e vivas. Castro Alves foi carregado pelas ruas para a república dos baianos, onde passou a morar com Rui Barbosa.

Em *Sangue Africano* o poeta delira:

No peito arfando o coração sacode
O sangue que da raça não desmente,
Sangue queimado pelo sol da Líbia,
Que ora referve no equador ardente.

Outro poema que comoveu plateias foi o *A Mãe do Cativo*:

Ó mãe do cativo! Que fias à noite
As roupas do filho na choça de palha!
Melhor tu farias se ao pobre pequeno
Tecesses o pano da branca mortalha.

O Dia da Consciência Negra no Brasil é celebrado em 20 de novembro e dedicado à reflexão sobre a inserção do negro na sociedade brasileira. A data foi escolhida por coincidir com o dia da morte de Zumbi dos Palmares, em 1695. O quilombo dos Palmares localizava-se na serra da Barriga, região hoje pertencente ao estado de Alagoas e resistiu por mais de um século, transformando-se em moderno símbolo da resistência do africano à escravatura.

Castro Alves escreveu o poema *Saudação a Palmares*:

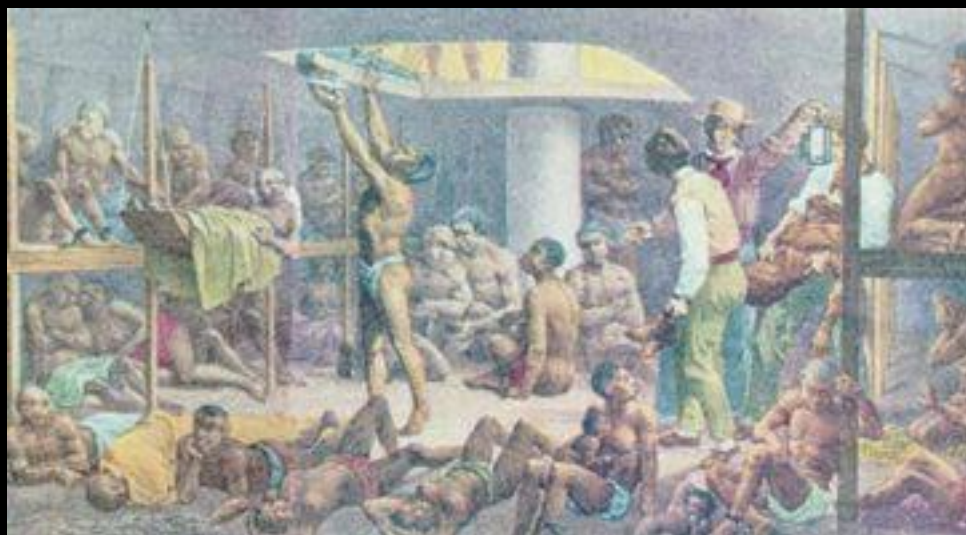
Palmares! A ti meu grito!
A ti, barca de granito,
Que no soçobro infinito
Abriste a vela ao trovão,
E provocaste a rajada,
Solta a flâmula agitada,
Aos urrahs da marujada
Nas ondas da escravidão!

Castro Alves, poeta amado de minha adolescência, parece sempre que o vejo com seu paletó de casimira inglesa, seu chapéu gelô, a capa negra de vampiro, olhando-se de alto a baixo no espelho e dizendo:

- Tremei, pais de família! Don Juan vai sair.

Pensando em ti, num momento de romantismo, escrevi esta carta:

Antônio, não me leves a mal,
Hoje meu coração palpita sob a renda
/ do vestido,
Meus lábios tremem como rosa ao vento,
Minhas mãos não acompanham o
/ pensamento



Neste ir e vir de mergulhar a pena
/ no tinteiro.

Antônio, não me leves a mal;
Hoje, na missa, não pude ouvir as
/palavras do vigário,
Várias vezes atirei o lenço de
/cambraia ao chão
Para esconder minha perturbação ao
/vê-lo no camarote,
Lindo como aquela imagem de
/São Sebastião.

Antônio, não me leves a mal,

Hoje, pensando em Joãozinho, o negrinho
/que te entrega esta carta,
Desejei que ele fosse dono de seu destino
E, no mercado de escravos, compadeci-me
/ de uma mulher negra,
Agarrada ao filhinho, já sem esperança.

Antônio, não me leves a mal,
Hoje, na praça, sob o sol,
Imaginei pessoas reunidas,
Elegendo seus governantes,
Expondo quadros,
Proferindo poemas.

Antônio, não me leves a mal,
Prendem-me neste quarto,
Junto ao baú de enxoval,
À roda de fiar,
À ânfora de lavanda suave.

Antônio, não me leves a mal,
Hoje sonhei com minha própria
/liberdade,
Vontade de beijar tua cabeleira negra
Como as asas de graúna,
Acalentar-te nos meus braços
Como se fosses uma criança tola.

Antônio, não me leves a mal,
Mas hoje, não posso ficar longe de ti.

Coloco de volta o globo entre os livros da estante e ouço a voz da África:

*Ainda hoje são, por fado adverso,
Meus filhos - alimária do universo,
Eu - pasto universal.*

